

# Pampulha: de Niemeyer a São Pedro

RICARDO MOUTA PINTO COELHO\*

Recentemente tive a felicidade de assistir a uma entrevista do arquiteto Oscar Niemeyer, no Roda Viva da TV Cultura. Foi uma grande oportunidade para ouvir alguém com enorme sensibilidade e inteligência, aliadas a uma vivência ímpar da história recente do Brasil, todas estas qualidades muito raras de se encontrar em nossa televisão hoje em dia. Na entrevista, o arquiteto relata o seu entusiasmo com a criação da Pampulha, projeto deflagrado por JK ainda nos anos 40. Segundo ele, é na Pampulha que se encontra o berço da arquitetura moderna no Brasil. É insensível que hoje a administração pública de modo geral, além de não ter as grandes idéias que caracterizaram estadistas como JK, não consiga ao menos preservar algumas de suas criações. Hoje, já nos damos por satisfeitos em saber que nossos administradores não estão envolvidos em falcatruas...

A região da Lagoa da Pampulha, além de conter um dos maiores patrimônios arquitetônicos da cidade, forma um conjunto de enorme valor ecológico. Numa época em que nos deparamos com uma Serra do Curral meio mutilada por anos de mineração selvagem e acabamos de assistir, impotentes, à fúria do fogo no Palácio das Artes, acredito ser a hora de pensarmos um pouco sobre o que significa a lagoa para a cidade e como podemos melhorá-la rapidamente, já que ela, assim como vários outros patrimônios históricos, culturais e ambientais de BH, está muito doente. Será que todos estes acontecimentos seriam obra do acaso? Qual seria o papel do poder público e da sociedade em geral no atual estado em que se encontram nossos bens históricos-culturais e ambientais? Vamos considerar o caso da Lagoa da Pampulha como um exemplo didático.

A Lagoa da Pampulha foi criada nos anos 40 e novamente reconstruída nos anos 50 e, desde então, vem sofrendo um contínuo processo de degradação. Todos: poder público e a sociedade em geral, ou assistiram passivamente ou reagiram timidamente a este processo. Primeiro foram os loteamentos abusivos que com suas encostas desmurchadas e desprotegidas deburram as chuvas carregar uma imensa quantidade de sedimentos para o lago. Nos anos 70, a região passou por um enorme crescimento demográfico, totalmente desordenado, por não ter sido planejado, o que causou um enorme aporte de esgotos não tratados para o lago. Estes fatores reunidos levaram a uma rápida degradação da qualidade da água. Primeiro vieram os caramujos transmissores da esquistossomose. No final dos anos 80 foram anotadas "explosões populacionais" do aguapé que chegou, em alguns anos, a ocupar dois terços da superfície do lago.

No início dos anos 90, o problema das cianobactérias, ou as algas verde-azuladas voltou a aparecer e a agravar-se consideravelmente (já havia causado problemas no início dos anos 80 quando então a Copasa teve que encerrar a captação de água a partir da represa). Nos últimos anos, toda sorte de problemas ambientais, tais como a mortandade de peixes, a emissão de odores fétidos tem sido observada rotineiramente no lago. A população, estupefada, parece assistir a tudo isso como se fosse normal, cotidiano mesmo, assim como aconteceu na Serra do Curral, na Mata das Boiolas, no Taquaril, etc.

O Grupo de Limnologia de Reservatórios Urbanos da UFMG foi criado a partir dos trabalhos pioneiros do professor José Rabelo de Freitas, estudando os caramujos transmissores da esquistossomose. Ele está, atualmente, sob minha coordenação e vem estudando de modo integrado a Lagoa da Pampulha, desde 1980. O nosso grupo intensificou suas pesquisas a partir de 1993, quando então começamos a monitorar o lago em coletas cuja frequência eram no máximo mensal. A partir de 1996, estas coletas passaram a ser quinzenais. Este incremento de pesquisas somente foi possível porque concluímos convênios de financiamento com diversas agências de fomento à pesquisa, entre elas o Fundo Nacional do Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente, a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, a Fapemig, o Conselho Nacional de Pesquisas, CNPq e, durante a administração passada, com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, SMMA.

Podemos avaliar de dois modos distintos os resultados destas pesquisas. Um deles através de alguns indicadores de produção acadêmica. Como produto destas pesquisas já foram defendidas três dissertações de mestrado, foram publicados um livro e vários trabalhos científicos em periódicos especializados no Brasil e no exterior, além de participações em dezenas de eventos científicos.

No entanto, os resultados mais importantes destas pesquisas referem-se à abertura de possibilidades concretas de sua aplicação para a melhoria da qualidade da água no reservatório. Dentre estes resultados, pode-

mos enumerar:

a) Os nossos estudos mostram inequivocamente que a eutrofização tem avançado muito rapidamente no reservatório, sendo que este avanço pode ser notado numa escala anual. Os dados de nutrientes dissolvidos na água (nitrogênio e fósforo, bem como o somatório de íons dissolvidos, a condutividade elétrica) ilustram muito bem este ponto;

b) Algumas comunidades aquáticas vêm sofrendo muito com a degradação ambiental. Várias espécies de organismos planctônicos têm sido extintas no ambiente sendo que as espécies restantes e algumas novas que têm aparecido em anos recentes são altamente indicadores de poluição e de eutrofização. Adicionalmente, temos acompanhado vários eventos de mortandade massiva de organismos, alguns dos quais passam totalmente despercebidos do público em geral por se tratar de microrganismos invisíveis a olho nu. Estes eventos podem ser indicativos de sérios problemas de contaminação ambiental, tais como a poluição por metais pesados ou a existência de agentes tóxicos (biotoxinas) produzidos por algas e outros microrganismos;

c) Os organismos zooplânctônicos apresentam elevados teores de metais pesados principalmente chumbo e cádmio em sua biomassa, o que pode indicar que estes metais tóxicos podem estar sendo bioacumulados no ambiente;

d) O monitoramento regular tem revelado ser eficiente para detectar prontamente alguns eventos esporádicos que causaram contaminação na lagoa, tais como o rompimento ocorrido no sistema de tratamento de resíduos orgânicos de uma grande transportadora que tem suas gangens centrais na bacia da Pampulha, evento este ocorrido em abril de 1996, com o carreamento de grandes quantidades de fósforo para o lago, o que causou proliferação de microrganismos, principalmente bacilárias;

e) Os resultados obtidos em diferentes projetos indicam que o ponto que deveria ser prioritariamente atacado na recuperação da lagoa refere-se à remoção do aporte externo de nutrientes que entram na lagoa, via tributários, contaminados com esgotos domésticos. Outras medidas, tais como a dragagem da lagoa, embora necessária a longo prazo, tornam-se inúteis ou mesmo nocivas se realizadas sem a interceptação imediata dos esgotos domésticos;

f) Em um outro estudo conduzido com organismos planctônicos (trabalho em vias de publicação em periódico de grande renome científico na Alemanha), verificamos que certos organismos do zooplâncton, em particular um organismo do gênero *daphnia*, que é comum no ambiente, seria capaz de — sozinho — reciclar grande parte do fósforo orgânico presente no ambiente. Isto quer dizer que, uma vez retirados os esgotos domésticos da lagoa, haveria um processo de reversão natural da eutrofização e, em poucos, talvez em um ou dois anos, a lagoa poderia recuperar a qualidade da água a tal ponto que poderíamos atingir índices internacionais de balneariedade;

g) Análises multivariadas, utilizando diversos modelos computacionais, indicam que a principal força reguladora da qualidade de água da Pampulha, hoje, é a precipitação atmosférica. Se, por um acaso, houver um ano excepcionalmente seco e quente, ou um ano em que as chuvas demorem a chegar, teremos consequências catastróficas para a lagoa. Isto com ou sem dragagem, talvez a dragagem até piore ou agrave ainda mais esta situação, ou seja, quem regula hoje a qualidade da água no reservatório é São Pedro! Isto, quando BH irá fazer 100 anos e, enquanto isto, em alguns países comemora-se a despoluição de lagos e rios muito maiores do que a Pampulha.

Belo Horizonte recebeu o mote de "cidade-jardim" em décadas passadas. Esta alcunha decorreu da vistosa e colorida arborização que as nossas principais avenidas um dia ostentavam. Mais tarde, foi chamada de "brisa horizontal" por Carlos Drummond de Andrade, numa alusão à destruição da Serra do Curral. Hoje vivemos na "cidade-nova" uma bolha urbana, onde estamos quase sempre enclausurados em *shopping centers* ou em engarrafamentos. Certo modo dos livelados, passamos a viver em colméias verticalizadas, barulhentas, poluídas em todos os sentidos e, ultimamente, até sem teatro, impedidos de, ao menos, cultivar alguns sonhos, ainda que de modo fugaz. Será que tudo isto talvez não tenha sido resultado de tantas administrações municipais, algumas até pobres e competentes, mas quase sempre sem as grandes idéias e sonhos como as utopias que imortalizaram JK na história brasileira?

\* Professor-adjunto do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG